

parece a trabalho de revista?
GAM?

te, tomou a sua "decisão irreversível". Hoje, quando o berro se esvai (sem que os problemas tenham sido resolvidos), reconhece que teria de retornar à ordem, à construção. "Não poderia me trair durante muito tempo — confessa. Se sempre fui construtivo, se arte é superação permanente, tinha de voltar a ordem. Jamais voltarei à uma arte figurativa, meu destino, como artista, é a construção, é a ordenação clara, serena, racional".

Com seus objetos atuais (que êle realiza, paralelamente às pinturas e serigrafias, ambas fundadas em relações numéricas), Serpa atinge um dos pontos culminantes de sua obra, já bastante significativa no contexto da arte brasileira. A par de revelarem aquêle domínio artesanal que lhe é peculiar e uma limpeza impecável, seus objetos acrescentam novos dados às inúmeras questões e indagações propostas pela arte de vanguarda, neste seu estágio pós-moderno. São objetos feitos com módulos de madeira, em séries de diversos tamanhos, que são desmaterializados pelo branco ou vermelho e que permitem formar sutis jogos formais, que captam a luz que passa, perpassa nos altos e baixos da composição, a qual não se contém mais nos limites do retângulo ou na parede. Êsses novos trabalhos não podem mais ser definidos como esculturas ou como pinturas, sequer como relevos. São prôpriamente objetos, contra-relêvos, anti-caixas. Nêles, as principais convenções da pintura e escultura são negadas. Não existe mais o avêso, o quadro continuando nas costas; o pedestal é desintegrado ou integrado na própria escultura. Espelhos internos, nas partes vasadas destas verdadeiras arquiteturas, multiplicam as soluções imprevisitas, a côr projetada adquire um sentido aéreo, vermelho e branco, a paz e o amor, no dizer do artista, transformam-se no espaço. Interno e externo se confundem, pois a moldura perde sua função de amurada, não serve mais para separar o dentro do fora. A composição transborda os limites do quadro, ameaça escorregar da parede para o chão, com seus tentáculos desce pedestal afora, rompendo com o frágil equilíbrio da geometria tridimensional, euclideana. Rompe igualmente, com o quadrado, adotando o artista a forma do losango. E mais: os quadros, sobretudo os menores não mais se sustentam num dos lados. Depois que o primeiro cosmonauta saiu da nave e flutuou no espaço sem poder plantar-se sólidamente no chão e sem ter a linha do horizonte como referência, o equilíbrio renascentista foi definitivamente rompido. Todos os movimentos são válidos, tôdas as inversões são possíveis, e caímos neste "dentro-fora", neste "dentro sem fronteiras", nesta dialética do avêso e do direito, do interno e do externo, em que novos elementos, novos materiais, novas relações numéricas criam uma nova poética do espaço, uma "verdadeiro comércio de espacialidade poética", para usar uma expressão de Bachelard. Com seus novos objetos, Serpa firma, outra vez, uma posição de destaque na vanguarda brasileira, sem os riscos da improvisação e sem fazer vanguardismos. Serpa continua, deste modo, atual, ativo, criador, polêmico.

FREDERICO MORAES

